

Cultura e Revolução – dois nomes, um só verbo?

Culture and revolution - two names, just one verb?

MIA COUTO*

A tentação é esta: olhar o mundo como se a norma fosse a estabilidade e a excepção fosse a mudança. Quando hoje se fala em “mudanças” climáticas não se pede provas nem explicações. O simples termo “mudança” sugere de imediato um grave estado de alerta. O clima do nosso planeta terá sido sempre composto de mudança. Mas nós, na nossa escala de conforto, precisamos de ver o clima como um moço comportado e previsível.

Na escala social, essa dicotomia “estabilidade” versus “mudança” pode ser transferida para o binómio “cultura” versus “revolução”. A cultura é a educada moça que arruma o lar e nos penteia para o retrato. A revolução é o jovem desordeiro que nos visita de tempo em tempo e nos surpreende num passo cego entre as duas margens de um abismo.

Nos anos da Independência Nacional, vivemos em Moçambique uma deses perturbadoras visitas: uma revolução fez contas com a História e tornou-se parte da nossa história. Essa revolução acontecia sobretudo nas esferas da política e da economia. A cultura aguardava na margem. A revolução era o chefe de família. A cultura era a esposa, caminhando atrás. A política era o palco. A cultura era o cenário. A política era o fuzil, o machado. A cultura era a enxada.

* Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, Província de Maputo, Moçambique.
E-mail: impacto@impacto.co.mz.

Algumas vozes reclamaram, na altura, que a revolução só acontece verdadeiramente quando se converte em cultura. Mas a prática dominante era outra. A política estava no posto de comando. A economia estava no altar. A revolução era o que fazíamos; a cultura era o que éramos. As urgências desse heróico empreendimento – que era mudar o mundo inteiro – separavam o “ser” do “fazer”. As utopias são a adolescência da nossa recorrente esperança. Como todos adolescentes, as utopias tem pressa. Havia que mudar o mundo sem entender que esse mundo começava em nós mesmos. A mudança implicava quebrar o palco, o cenário e o teatro inteiro. Implicava refundar os recantos mais domésticos da nossa alma, lá onde, na arrumação ilusória do cosmos, mora a cultura, esse chão onde nos reconhecemos como filhos da estabilidade.

Anos passaram, a revolução terminou. E descobrimos hoje que muitos dos revolucionários não apenas deixaram de o ser como se esqueceram de alguma vez terem ousado derrubar a ordem estabelecida. Esses que ontem destemidamente abanaram os pilares do universo olham como um pesadelo para um mundo em mudanças. Os mesmos que atacaram a ideia de Deus redescobriram-se agora religiosos praticantes. Seria natural que as convicções políticas desses revolucionários tivessem mudado. Todavia, o que sucede é que, dentro deles, nem sequer existe memória do que foram e fizeram. O que se passou foi que nada se passou. A política que proclamavam não se tornou nunca na sua cultura.

Afinal, talvez “cultura” e “revolução” sejam nomes distintos. Mas são verbos impossíveis de destrinçar.

Recebido em 11 de abril de 2012 e aprovado em 14 de junho de 2012.